



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Oliveira, Ebenézer A. de; Frizzo, Giana B; Marin, Angela H.
Atitudes Maternas Diferenciais para com Meninos e Meninas de Quatro e Cinco Anos
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 363-371
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813305>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Atitudes Maternas Diferenciais para com Meninos e Meninas de Quatro e Cinco Anos

Ebenézer A. de Oliveira ^{1 2}

Giana B. Frizzo

Angela H. Marin

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Foram examinados os efeitos do sexo e da idade da criança pré-escolar sobre três atitudes maternas consi-
na literatura: irritabilidade, rejeição e intrusão. A amostra contou com 53 mães e suas crianças pré-escolares
idade, de níveis sócio-econômicos (NSE) médio e baixo. As mães preencheram uma versão em Português do
Research Instrument-PARI. Correlações de ordem zero e regressões múltiplas indicaram que as mães
irritabilidade e rejeição quanto maior for a idade da criança; contudo, o mesmo não ocorreu p
Independentemente da idade da criança, as mães dos meninos relataram maior intrusão do que as m
resultados se mantiveram mesmo após a inclusão do NSE na equação de regressão. Análises bivariadas
tendência marginal para as mães dos meninos relatarem maior rejeição do que as mães das meninas. Os s
à luz da literatura vigente sobre a socialização da criança pré-escolar, ressaltando elementos cognitivo
Palavras-chave: Irritabilidade; rejeição; intrusão; socialização.

Differential Maternal Attitudes toward Four- and Five-Year-Old Boys and

Abstract

This study examined the effects of the preschool child's sex and age on three maternal attitudes regar
literature: Irritability, rejection, and intrusion. The sample had 53 mothers and their preschool child
months of age, of both middle and low socioeconomic statuses (SES). The mothers filled out a Po
Parent Attitude Research Instrument-PARI. Zero-order correlations and multiple regressions indicat
the lower the levels of irritability and rejection reported by the mother; however, the same did n
intrusion. Regardless of the child's age, the mothers of boys reported higher intrusion than the mothe
held even after introducing SES in the regression equation. Bivariate analyses also showed a marginal
boys to report higher rejection than the mothers of girls. These results are discussed in light of the
preschool child's socialization, stressing both cognitive and interactional elements.
Keywords: Irritability; rejection; intrusion; socialization.

O estudo das atitudes maternas tem interessado a psicanalistas, comportamentalistas e cognitivistas ao longo da história (Holden & Edwards, 1989; Sigel, 1992). Mas foi com o advento da teoria da aprendizagem social, na Universidade de Yale, na década de 1930, que elementos dessas três correntes psicológicas convergiram para uma

A psicanálise mantém que a rejeição materna, no outro extremo, rejeitadora das necessidades maternas não transportadas para a relação de insegurança e diversas psicopatologias (Freud, 1931). Já os comportamentalistas

Goodnow (1988), “enfocar apenas o comportamento significa desprezar o fato de que os pais são criaturas pensantes, que interpretam eventos, e cujas interpretações influenciam suas ações e sentimentos.” (p. 287)

A partir do interesse psicanalítico pelas motivações intrapsíquicas subjacentes à relação mãe-criança e aos transtornos psicológicos infantis, combinado ao rigor metodológico comportamentalista e à preocupação dos cognitivistas com as bases mentais da socialização, nasceu o primeiro grande empreendimento científico a explorar o papel das atitudes maternas no desenvolvimento social. Este foi registrado em *Patterns of Child Rearing*, por Sears, Maccoby e Levin (1957, citado em Grusec, 1994). Ao entrevistarem 379 mães, Sears e seus colaboradores buscaram demonstrar que as atitudes maternas influenciavam as práticas parentais, e, por meio dessas, a personalidade e o comportamento da criança em desenvolvimento. Contudo, os resultados desse estudo pioneiro pouco apoiaram as hipóteses iniciais. Faltava ainda uma clara conceituação das atitudes, que facilmente se confundiam com valores, práticas, ou auto-avaliações, e algumas limitações metodológicas—ex., uso de uma única fonte de informação para variáveis explicativas e critérios—suscitaram críticas e desconfianças quanto ao relevante papel das atitudes maternas na socialização (Grusec, 1994; Maccoby, 1994).

Embora ainda hoje pouco consenso exista em torno do que sejam as atitudes maternas, estas têm sido definidas como uma predisposição ou julgamento afetivo sobre a tarefa de criar filhos (*child-rearing*) (Holden & Edwards, 1989). Como tal, o construto reflete crenças e sentimentos sobre como uma mãe deve reagir ou proceder no desempenho do seu papel. Questionários de atitudes socialmente desejáveis geralmente apresentam maior erro de medição, pois as mães tendem a responder conforme presumem que se espera delas e, conseqüentemente, tais atitudes tendem a discriminar menos entre grupos clínicos e não-clínicos (Schaefer & Bell, 1958). Talvez por essa

interação coerciva entre a mãe e a criança, a troca verbal se acumula e se intensifica, a mãe desiste e se retrai, o que só vem a reforçar o ciclo coercivo (condicionamento de aversão) por se mostrar eficaz na inibição do aversivo, o comportamento coercivo da criança tende a se generalizar e, oportunamente, a se generalizar a outras situações sociais, caracterizando uma personalidade coerciva na criança (Patterson, 1995; Patterson, DeBruin, 1989).

Duas outras atitudes maternas associadas aos aspectos sócio-emocionais da criança são a irritabilidade e a rejeição do papel no lar. Essas atitudes tendem a se correlacionar (Nogueira, 1988; Zuckerman, Monashkin & Norton, Jr., 1958), e, juntas, representam o extremo oposto da intrusão. A mãe aterrorizada julga que a criação dos filhos é, por si só, uma tarefa exasperante, capaz de “arruinar os nervos” da mãe e da mulher. Já a mãe rejeitadora do papel materno não encara os cuidados parentais e domésticos como uma tarefa desprazer porque sente que esses cercam sua liberdade (Schaefer & Bell, 1958). Para ela, a criação dos filhos e com a rotina diária da casa é uma tarefa desprazer. Essas atitudes podem se manifestar em práticas de negligência, inclusive ausência de supervisão e falta de cuidados essenciais dos filhos, como higiene, alimentação, suporte emocional e estimulação verbal (Schaefer, 1997).

Quando a irritabilidade e a rejeição maternas se manifestam em negligência, a criança pré-escolar tem maiores dificuldades de desenvolver baixos níveis de habilidades de engajamento social (Egeland, Sroufe & Lamb, 1993). Na idade escolar, ela apresenta maiores dificuldades intelectuais e de linguagem, apatia e retraimento quando comparada com a criança atendida adequadamente sexualmente (Eckenrode, Laird & Dorsey, 1997).

Contudo, vale ressaltar que alguns estudos têm demonstrado que

criança. Só recentemente, porém, a pesquisa psicológica passou a examinar as possíveis fontes de origem das atitudes maternas consideradas psicopatogênicas.

Uma possível fonte de origem das atitudes maternas é a própria cultura em que a mãe está inserida (Grusec, Hastings & Mammone, 1994). De acordo com Bronfenbrenner (1988), o projeto social para a criança de uma determinada cultura é mantido através de estruturas e padrões ideológicos comunicados por parentes e *experts*. Assim, o que se espera da criança a cada fase do seu desenvolvimento, os alvos valorizados, assim como as atitudes predominantes no ideal parental são estabelecidos culturalmente. Mas, como argumenta Goodnow (1985, citado em Grusec, Hastings & Mammone, 1994), as mães não são apenas receptores passivos de uma herança cultural; antes, elas constroem suas próprias atitudes e práticas. Há, pois, grande margem de variabilidade entre as mães de uma mesma cultura.

Boa parte dessa variabilidade pode ser explicada a partir de fatores da própria mãe. Por exemplo, há muito tempo se tem estabelecido empiricamente que a chance de desenvolver atitudes maternas psicopatogênicas cresce linearmente na medida que o nível sócio-econômico da mãe decresce (Holden & Edwards, 1989; Schaefer & Bell, 1958). Uma vez controlado o efeito do nível sócio-econômico, a idade da mãe se correlaciona positivamente com o nível de satisfação parental e negativamente com o tempo dedicado a atividades sociais longe dos filhos pequenos (Ragozin, Basham, Crnic, Greenberg & Robinson, 1983).

Pouco explorada na literatura, porém, é a contribuição da criança pequena para a variância das atitudes maternas, talvez porque a pesquisa científica da socialização ainda mantenha resquícios de uma causalidade unilateral, do adulto sobre a criança (Maccoby, 1994; ver também debate entre Lytton, 1990a, 1990b; Dodge, 1990; Wahler, 1990). Sem negar os prováveis efeitos das atitudes maternas sobre a criança, o presente estudo toma o sexo

Crowther, Bond & Rolf, 1990). Assim, as atitudes maternas podem variar assim como o sexo da criança, seria de se esperar que as atitudes maternas. Por exemplo, o nível de cuidado e controle parental da criança provavelmente refletiria a atitude que uma mãe assume sobre o sexo da criança. Tais diferenças de atitude que variam com o sexo da criança cruzam os níveis sócio-econômicos. Como já foi dito, as atitudes maternas tendem a se acentuar em camadas sociais mais baixas.

Cinco hipóteses foram testadas. A primeira hipótese concernia a covariância encontrada por Zuckerman (1977) entre a atitude de uma amostra norte-americana, e a atitude de uma amostra do Rio de Janeiro, em relação ao papel no lar. Segundo esse estudo, a mãe percebe a tarefa parental como uma tarefa que tende a rejeitar as responsabilidades da criança em geral. A primeira hipótese previa que os resultados. Em segundo lugar, a hipótese previa que uma das atitudes maternas (a atitude de intrusão) poderia ser explicada pela idade da criança. A terceira hipótese previa que a criança se correlacionaria negativamente com a irritabilidade, rejeição e intrusão. A hipótese previa que as mães do Rio de Janeiro, irritabilidade, rejeição e intrusão das meninas participantes. A hipótese previa que os resultados das hipóteses terças e quartas seriam os mesmos após a entrada do menino no lar. A hipótese previa que as mães participantes, como covariáveis, seriam as mesmas ainda que essa entrada pudesse ser controlada. A hipótese previa que a variância da atitude materna

superior a dez salários mínimos, enquanto 17% relataram ter uma renda familiar inferior a três salários mínimos. A maioria das mães (79%) informaram ser casadas e trabalhar fora de casa, com uma jornada de trabalho modal (49%) entre 21 e 40 horas semanais. Os níveis de instrução mais típicos das mães participantes eram o terceiro grau completo (30%) e o primeiro grau incompleto (25%).

Procedimentos e Medidas

Os dados de cada diáde participante foram coletados numa única visita ao centro de educação infantil ou centro social regularmente freqüentado pela criança. A cada visita, coletaram-se os dados de uma a três diádes. Além de fornecerem dados demográficos sobre si e a criança, inclusive o sexo e a idade da criança, cada mãe completou uma versão em Português do instrumento original *Parental Attitude Research Instrument-PARI* (Schaefer & Bell, 1958). Traduzida pelo primeiro autor, esta versão buscou ser fiel ao conteúdo dos itens, mas modificou as instruções iniciais para torná-las mais compreensíveis, e ampliou a escala tipo *Likert* para cinco pontos. Por refletirem atitudes consideradas psicopatogênicas na literatura, somente as sub-escalas de Irritabilidade, Rejeição do Papel no Lar e Intrusão foram usadas no presente estudo. Uma assistente cega para os objetivos da pesquisa leu os itens e as opções de resposta, e esclareceu eventuais dúvidas, para as mães com dificuldade de leitura ou compreensão (26%), enquanto que as outras mães dispensaram tal ajuda.

Ao contrário de muitos instrumentos similares, o PARI foi construído a partir de uma criteriosa análise dos itens de diversas entrevistas estruturadas (Schaefer & Bell, 1958). O Anexo A mostra as instruções e os itens das sub-escalas utilizadas. Usando a terceira pessoa (“uma mãe”), os itens expressam chavões ou juízos genéricos, em vez de enfatizar situações específicas. Em sua rigorosa revisão crítica de diversas medidas de atitudes maternas, Holden e Edwards (1989) indicam que o PARI é o único instrumento cuja

Numa amostra de 250 mães universitárias, Nogueira (1988) examinou as propriedades da tradução para o Português de uma versão canadense do PARI. No que concerne aos correspondentes às do presente estudo, os seguintes índices de fidedignidade foram obtidos (correlação de Pearson): Irritabilidade= 0,37; Intrusão= 0,39. Embora estes valores não sejam significantes, os dois últimos índices são considerados satisfatórios que o primeiro, considerando a estabilidade das atitudes maternas (Pearson) em um intervalo de apenas uma semana entre as medições no presente estudo.

Na presente amostra, foram obtidos os seguintes índices alfas de Cronbach da tradução do instrumento original: Irritabilidade= 0,69; Intrusão= 0,78. Esses valores são superiores aos daqueles obtidos originalmente por Schaefer em várias amostras de transvalidação (originalmente em amostras americanas). Considerando-se o pequeno tamanho das sub-escalas, pode-se dizer que suas consistências são bem razoáveis.

As hipóteses foram testadas estatisticamente através de correlações bivariadas e de uma série de regressões múltiplas hierárquicas. Primeiramente, cada atitude materna foi regressada sobre a idade (codificada em meses) e o sexo da criança (masculino= 0; feminino= 1). A segunda regressão foi regressada sobre o conjunto de variáveis explicativas, incluindo-se o Nível Sócio-Econômico (0= creche pública; 1= creche particular). Um alfa de 0,05 em todos os testes de significância.

Resultados

Os dados descritivos das atitudes maternas são apresentados na Tabela 1, e indicam que as atitudes são relativamente normais. A Tabela 2 mostra os resultados das regressões múltiplas hierárquicas.

Tabela 2. Matriz das Correlações Bivariadas de Pearson ($N=53$)

	1	2	3	4
1. Irritabilidade	—			
2. Rejeição	0,493**	—		
3. Intrusão	0,064	0,192	—	
4. Idade da Criança	- 0,354*	- 0,341*	- 0,057	—
5. Sexo da Criança	- 0,058	- 0,227†	- 0,447**	0,198

Nota. † $p = 0,10$; * $p = 0,01$; ** $p < 0,001$

Conforme previsto na primeira hipótese, as atitudes maternas de irritabilidade e de rejeição se correlacionaram positivamente entre si, $r = 0,49$; $p < 0,001$, replicando os resultados dos estudos de Zuckerman, Ribback, Monashkin e Norton Jr. (1958) e de Nogueira (1988). A falta de correlação significativa entre o sexo e a idade da criança é indicativa de uma distribuição equivalente das idades entre os grupos masculino e feminino, e sugere ortogonalidade para os modelos subsequentemente adotados nas análises de regressão múltipla.

A segunda hipótese foi confirmada pelas análises de regressão múltipla. O modelo explicativo da irritabilidade materna foi estatisticamente significativo, $F(2,50) = 3,596$; $p < 0,05$. As variáveis explicativas deram conta de 13% da variância da irritabilidade materna (ver Passo 1 da Tabela 3). O mesmo ocorreu para os modelos de rejeição e intrusão, com os respectivos valores do teste de Fisher

iguais a 4,185; $p < 0,05$ e 6,30; R^2 foram 0,14 e 0,20 para os modelos de rejeição e intrusão, respectivamente (ver Tabela 3).

As hipóteses terceira e quarta foram parcialmente confirmadas. As Tabelas 3 a 5 mostram as contribuições de cada variável explicativa aos modelos de regressão linear. A idade da criança apresentou correlação negativa significativa com as atitudes maternas de irritabilidade e de intrusão. Esses dados foram replicados nas análises bivariadas (ver Tabela 2) e de regressão múltipla (ver 1 nas Tabelas 3 e 4). De fato, os coeficientes β foram quase inalterados entre as análises bivariadas e de regressão múltipla (comparar os coeficientes β das Tabelas 3 e 4 com os respectivos da Tabela 2).

Tabela 3. Regressões Hierárquicas: Irritabilidade Materna em Função da Idade da Criança, sem e com o Nível Sócio-Econômico dos Participantes ($N=53$)

Variável	B	Erro Padrão	β	t
----------	---	-------------	---------	---

Tabela 4. Regressões Hierárquicas: Rejeição Materna em Função da Idade e do Sexo da Criança sem e com o Nível Sócio-Econômico dos Participantes ($N=53$; $g=2$)

Variável	<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	β	<i>t</i>	R^2
Passo 1					0,14
Pt. de Interseção	33,634	7,081	0,000	4,750**	
Sexo	-1,670	1,342	-0,166	-1,245	
Idade	-0,279	0,121	-0,309	-2,313*	
Passo 2					0,14
Pt. de Interseção	33,761	7,166	0,000	4,711**	
NSE	-0,407	1,597	-0,036	-0,256	
Sexo	-1,591	1,389	-0,158	-1,145	
Idade	-0,272	0,126	-0,300	-2,159*	

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Quanto à contribuição singular do sexo da criança, novamente, houve suporte parcial dos dados. Conforme previsto na quarta hipótese, as mães de crianças do sexo masculino relataram maiores níveis de intrusão do que as mães de crianças do sexo feminino, com base tanto na análise correlacional de ordem zero (ver Tabela 2) como na análise de regressão múltipla (ver Passo 1 na Tabela 5). Ou seja, uma vez controlado o efeito da idade da criança, o efeito do sexo da criança sobre a intrusão materna permaneceu o mesmo.

atitude materna de irritabilidade, não houve efeito do sexo da criança.

Finalmente, conforme previsto pela hipótese 5, a introdução da covariável NSE na equação não alterou significativamente os resultados obtidos quanto às hipóteses terceira e quarta, indicam as Tabelas 3 a 5, todas as variáveis mantiveram-se significantes no primeiro e no segundo modelo. O valor de R^2 cresceu no Passo 2 com relação

Tabela 5. Regressões Hierárquicas: Intrusão Materna em Função da Idade e do Sexo da Criança sem e com o Nível Sócio-Econômico dos Participantes ($N=53$; $g=2$)

Variável	<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	β	<i>t</i>	R^2
Passo 1					0,2
Pt. de Interseção	21,877	7,104	0,000	3,080*	
Sexo	-4,740	1,346	-0,454	-3,522**	
Idade	0,031	0,121	0,033	0,254	
Passo 2					0,4

Discussão

Os dados relatados indicam que as mães de crianças pré-escolares tendem a desenvolver atitudes auto-percebidas diferencialmente para com meninos e meninas, e para com crianças de ambos os sexos com idades diversas, independentemente no nível sócio-econômico. Contudo, das atitudes investigadas, nenhuma apresentou consistentemente uma relação simultânea com a idade e o sexo da criança.

As atitudes de irritabilidade e rejeição merecem primazia na discussão, pois os resultados deste estudo reiteram prévios relatos (Nogueira, 1988; Zuckerman, Ribback, Monashkin & Norton, 1958) de uma moderada correlação positiva entre essas duas atitudes maternas. Na medida que a mãe considera o papel parental como gerador de irritação ou abalo emocional, é natural que ela também sinta certa rejeição pelas responsabilidades domésticas em geral, que incluem mas não se restringem ao papel parental. Obviamente, é também plausível que a rejeição do papel no lar leve a mulher a encarar a tarefa de criação dos filhos como uma ameaça ao seu bem-estar e equilíbrio emocional. A bidirecionalidade entre estas atitudes maternas é, portanto, teoricamente aceitável.

Além de sugerir uma covariância entre a irritabilidade e a rejeição maternas, os resultados também indicam que os níveis auto-relatados dessas atitudes decrescem na medida que a criança avança em idade. Essa tendência parece não depender do sexo da criança; ou seja, as mães de meninos e meninas apresentam uma significativa queda nos níveis de irritabilidade e rejeição proporcional ao aumento da idade da criança. Certa cautela é cabível quanto a essa conclusão, todavia, pois não se empregou no presente estudo um acompanhamento longitudinal das atitudes das mães participantes, e, portanto, existe a possibilidade da influência de outras variáveis que poderiam estar associadas às diferentes idades das crianças.

Esse mesmo mecanismo poderia explicar a falta de relação entre a irritabilidade e a atitude intrusiva da mãe. Pois, como já foi sugerido (Gralinski & Kopp, 1993; Kuczajski, 1993), com o avanço da idade da criança, a demanda do controle e cuidados presumivelmente maior por parte da mãe (ex., cuidados físicos, maior vigilância) e o mesmo não ocorre quanto aos comportamentos sociais da criança (Kuczajski, 1993), que parece estar mais associado à atitude intrusiva (Pianta & O'Brien, 1993; Pianta, 1993). Investigações, preferencialmente de tipo *trajetórias (path analysis)*, seriam necessárias para esclarecer essas questões ainda obscuras.

Quanto ao efeito do sexo da criança, as mães apresentaram evidência de um efeito de interação: mães de meninos relataram maiores níveis de irritabilidade e rejeição do que mães de meninas. Essa tendência é consistente com o que se leva em conta o efeito da idade da criança, pois há certa sobreposição de efeitos. Nas mães investigadas, só a intrusão da criança é consistentemente susceptível a efeitos de interação com o sexo da criança. Ou seja, a quantidade de intrusão estudada, as mães dos meninos relataram intrusivas do que as mães das meninas. Não se pode esperar em face da maior demanda por controle pelo sexo masculino, relação com a irritabilidade (Campbell, 1995; Crowther, 1995).

Os dados indicam ainda que a idade da criança sobre as atitudes maternas difere para os diferentes níveis sócio-econômicos. Embora, como em estudos anteriores (Edwards, 1989; Schaefer & Harter, 1967), apontem para maiores índices de irritabilidade e psicopatogenicidade (ou seja, irritabilidade e rejeição) das mães de um nível sócio-econômico mais baixo.

Referências

- Bronfenbrenner, U. (1988). Interacting systems in human development. Research paradigms: Present and future. Em N. Bolger, A. Caspi, G. Downey & M. Moorehouse (Orgs.), *Persons in context* (pp. 25-49). New York: Cambridge University Press.
- Campbell, S. B. (1995). Behavior problems in preschool children: A review of recent research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36, 113-149.
- Crowther, J. H., Bond, L. A. & Rolf, J. E. (1981). The incidence, prevalence, and severity of behavior disorders among preschool-aged children in day care. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 9, 23-42.
- Dodge, K. A. (1990). Nature versus nurture in childhood conduct disorder: It is time to ask a different question. *Developmental Psychology*, 26, 698-701.
- Eckenrode, J., Laird, M. & Doris, J. (1993). School performance and disciplinary problems among abused and neglected children. *Developmental Psychology*, 29, 53-62.
- Egeland, B., Pianta, R. & O'Brien, M. (1993). Maternal intrusiveness in infancy and child maladaptation in early school years. *Development and Psychopathology*, 5, 359-370.
- Egeland, B., Sroufe, A. & Erickson, M. (1983). The developmental consequences of different patterns of maltreatment. *Child Abuse and Neglect*, 7, 459-469.
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford: Stanford University Press.
- Goodnow, J. J. (1988). Parents' ideas, actions, and feelings: Models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 59, 286-320.
- Gralinski, J. H. & Kopp, C. B. (1993). Everyday rules for behavior: Mothers' requests to young children. *Developmental Psychology*, 29, 573-584.
- Grusec, J. E. (1994). Social learning theory and developmental psychology: The legacies of Robert Sears and Albert Bandura. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of Developmental Psychology* (pp. 473-497). Washington, DC: American Psychological Association.
- Grusec, J. E., Hastings, P. & Mammone, N. (1994). Parenting cognitions and relationship schemas. Em J. G. Smetana (Org.), *Beliefs about parenting: Origins and developmental implications* (pp. 5-19). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Holden, G. W. & Edwards, L. (1989). Parental attitudes toward child rearing: Instruments, issues, and implications. *Psychological Bulletin*, 106, 29-58.
- Kuczynski, L. & Kochanska, G. (1995). Function and content of maternal demands: Developmental significance of early demands for competent action. *Child Development*, 66, 616-628.
- Levy, D. M. (1931). Maternal over-protection and rejection. *Journal of Nervous and Mental Diseases*, 73, 65-77.
- Lytton, H. (1990a). Child and parent effects in boys' conduct disorder: A reinterpretation. *Developmental Psychology*, 26, 68-74.
- Lytton, H. (1990b). Child effects – still unwelcome. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of Developmental Psychology* (pp. 705-709). Washington, DC: American Psychological Association.
- Maccoby, E. (1994). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of Developmental Psychology* (pp. 710-729). Washington, DC: American Psychological Association.
- Nogueira, Y. (1988). Atitudes maternas: estudo do Fatores de Risco (Research Instrument) em amostra brasileira. *Psicologia*, 40, 48-62.
- Paget, K. D. (1997). Child neglect. Em G. G. Bear, K. D. Paget & M. J. Thelen (Orgs.), *Children's needs II: Development, problems, and solutions* (pp. 729-740). Bethesda, MD: National Association of Public Child Welfare Administrators.
- Patterson, G. R. (1995). Coercion as a basis for early intervention. Em J. McCord (Org.), *Coercion and punishment in child development* (pp. 81-105). New York: Cambridge University Press.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D. & Ramsey, E. (1992). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 47, 139-146.
- Patterson, G. R., Reid, J. B. & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial boys*. Eugene, OR: Castalia.
- Pearson, G. H. J. (1931). Some early factors in the formation of antisocial behavior. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1, 284-291.
- Ragozin, A. S., Basham, R. B., Crnic, K. A., Greenberg, M. T. & Nelson, N. M. (1982). Effects of maternal age on parenting behavior. *Psychology*, 18, 627-634.
- Rothbaum, F. & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Bulletin*, 116, 55-74.
- Shaefer, E. S. & Bell, R. Q. (1958). Development of a scale for measuring parental control. *Child Development*, 29, 339-350.
- Sigel, I. E. (1992). Introduction to the first edition. Em I. E. Sigel & E. S. Shaefer (Orgs.), *Handbook of parent-child relations* (pp. vii-xi). New York: Erlbaum.
- Wahler, R. (1990). Who is driving the interaction? The role of the child. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of Developmental Psychology* (pp. 705-709). Washington, DC: American Psychological Association.
- Zuckerman, M., Ribback, B. B., Monashkin, I. & M. J. Thelen (Orgs.), *Children's needs II: Development, problems, and solutions* (pp. 729-740). Bethesda, MD: National Association of Public Child Welfare Administrators.

Anexo A
Subescalas de Irritabilidade, Rejeição do Papel no Lar e Intrusão
do *Parental Attitude Research Instrument*

Toda mãe tem determinados princípios em que ela acredita, ou seja, uma “filosofia” de vida. Marque um número entre parênteses, se você concorda ou não com os seguintes itens, na medida que reflete sua própria “filosofia” de mãe, conforme a seguinte escala:

(1)	(2)	(3)	(4)	
discordo absolutamente	discordo em parte	não sei bem se concordo ou discordo	concordo em parte	a

Não há respostas corretas ou erradas. *Na medida do possível*, favor evitar a opção 3 (não sei) (discordo) como resposta. Seja sincera e responda conforme a sua opinião pessoal, sem se preocupar se outras pessoas venham a pensar. Favor responder a cada item na sequência apresentada, sem omitir nenhuma resposta.

1. Crianças podem irritar qualquer mãe que tenha de estar com elas o dia todo ()
2. Uma das piores coisas no cuidado de casa é que a mulher se sente aprisionada ()
3. Uma mãe deve saber de tudo o que se passa na cabeça de seus filhos ()
4. Há momentos quando uma mãe sente que não pode agüentar seus filhos por mais nem um minuto ()
5. A mulher que fica com seus filhos quase todo o tempo sente-se como um pássaro coo ()
6. Uma criança não deveria nunca guardar segredo de seus pais ()
7. Raramente se encontra uma mãe que é doce e meiga com seus filhos quase todo o tempo ()
8. A maioria das mães jovens se incomodam mais por viverem presas dentro de casa do que por qualquer outra coisa ()
9. Uma mãe deve estar sempre alerta para descobrir todos os pensamentos dos seus filhos ()
10. Criar filhos é uma tarefa que arruína os nervos de uma mulher ()
11. Uma das piores coisas sobre a criação de filhos é que a mãe termina não tendo tempo para seus próprios interesses ()
12. Uma mãe tem o direito de saber tudo o que se passa na vida de seus filhos porque ela é responsável por sua própria vida ()
13. É natural para uma mãe “explodir” de raiva quando os filhos se tornam muito egotistas e não dão atenção ()
14. Uma jovem mãe se sente sacrificada porque há muitas outras coisas que ela preferiria fazer se ainda é jovem ()

Grupo de Pesquisa em Interação Social Desenvolvimento e Psicopatologia

- GIDEP -

O objetivo do GIDEP é produzir conhecimentos para a teoria e prática na área de desenvolvimento e psicopatologia. Em particular, busca-se investigar os fatores sociais, emocionais e cognitivos no desenvolvimento normal e atípico dentro do contexto de interação pais-criança, criança-criança, e adolescente-família. O GIDEP está empenhado na qualificação de pesquisadores e profissionais dentro de uma perspectiva interdisciplinar. O GIDEP constitui-se em um dos *Grupos de Pesquisa* do CNPq/UFRGS. Sete teses e dissertações foram defendidas ou estão em orientação no Grupo.

Participantes e linhas de pesquisa

Cesar A. Piccinini (PhD pela University of London): Interação pais-bebê/criança; Apego e temperamento infantil; Estratégias educativas parentais.

Tânia M. Sperb (PhD pela University of London): Interação de crianças; Cultura e desenvolvimento; Narrativas, desenvolvimento e psicopatologia.

Rita Sobreira-Lopes (PhD pela University of London): O desenvolvimento sócio-emocional no contexto das relações familiares; relações pais-filhos em momentos de transição; Desenvolvimento da autonomia na família.

Participam ainda do grupo um técnico de audiovisual, 07 Doutorandos, 10 Mestrandos e Bolsistas de Iniciação Científica.

Infra-estrutura do GIDEP: O Grupo mantém o *Laboratório de Observação e Processos Interativos* equipado com sofisticados equipamentos de gravação, digitalização e edição de imagens de vídeo, o que possibilita análises sistemáticas das observações gravadas.

Contatos internacionais e convidados pelo Grupo: Artin Goncu (EUA/1993); An Wailon (Bélgica/1997); Jan Valsiner (EUA/1995); Jonathan Tudge (EUA/desde 1996); Marc Bigras (Canadá/1999); Palácio Espasa (Suíça/1997); Stuart Millar (Inglaterra/1996).